



1983-3717  
ISSN

# **POLÍTICAS CULTURAIS** *em Revista*

#2

v. 11, n. 2, jul./dez. 2018

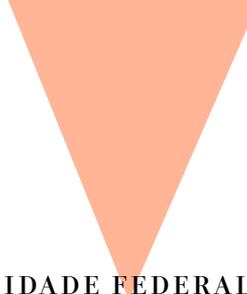
1983-3717  
ISSN



# POLÍTICAS CULTURAIS

*em Revista*

Pol. cult. rev.	Salvador	v. 11	n. 2	p. 2-6	jul./dez.	2018
-----------------	----------	-------	------	--------	-----------	------



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR

*João Carlos Salles Pires da Silva*

VICE-REITOR

*Paulo César Miguez de Oliveira*

INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS  
PROFESSOR MILTON SANTOS

DIREÇÃO

*Messias Guimarães Bandeira*

PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CULTURA E SOCIEDADE

COORDENAÇÃO

*José Roberto Severino*

CENTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

COORDENAÇÃO

*Leonardo Costa*

VICE-COORDENADORA

*Renata Rocha*

EDITORES-CHEFES

*Alexandre Barbalho, Universidade Estadual do Ceará*

*Leonardo Costa, Universidade Federal da Bahia*

*Renata Rocha, Universidade Federal da Bahia*

EDITORES DO DOSSIÊ POLÍTICAS CULTURAIS E JUVENTUDES

*Adriana Facina, UFRJ*

*Daniela Matos, UFRB*

CONSELHO EDITORIAL

*Alain Herscovici, Universidade Federal do Espírito Santo*

*Ana Carolina Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

*Ana Rosas Mantecón, Universidade Autónoma Metropolitana do México*

*Armand Mattelart, Universidade Paris VIII*

Carlos Lopes, *United Nations Institute for Training and Research*  
Carlos Yáñez Canal, *Universidade Nacional de Colombia*  
César Bolaño, *Universidade Federal de Sergipe*  
Daniel Mato, *Universidad Central de Venezuela*  
Durval Albuquerque, *Universidade Federal do Rio Grande de Norte*  
Emir Sader, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*  
Fabio de Castro, *Universidade Federal do Pará*  
George Yúdice, *University of Miami*  
Guilherme Sunkel, *Victoria University, Austrália*  
Guillermo Mariaca Iturri, *Universidad Mayor de San Andrés*  
Gustavo Lins Ribeiro, *Universidade de Brasília*  
José Machado Pais, *Universidade de Lisboa*  
Lúcia Lippi, *Fundação Getúlio Vargas*  
Manuel Garretón, *Universidad de Chile*  
Marcelo Ridenti, *Universidade Estadual de Campinas*  
Maria de Lourdes Lima Santos, *Universidade de Lisboa*  
Muniz Sodré, *Universidade Federal do Rio de Janeiro*  
Octavio Getino, *Instituto Universitario Nacional de Artes da Argentina*  
Renato Ortiz, *Universidade Estadual de Campinas*  
Rubens Bayardo, *Universidad San Martin – Universidad de Buenos Aires*  
Xan Bouzadas, *in memoriam*

#### CONSELHO DE REDAÇÃO

Alexandre Barbalho, *Universidade Estadual do Ceará*  
Antonio Albino Canelas Rubim, *Universidade Federal da Bahia*  
Anita Simis, *Universidade Estadual Paulista*  
Cláudia Leitão, *Universidade Estadual do Ceará*  
Cristina Lins, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*  
Humberto Cunha, *Universidade de Fortaleza*  
Isaura Botelho, *Centro Brasileiro de Análise e Planejamento*  
José Márcio Barros, *Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais –  
Universidade do Estado de Minas Gerais*  
Leonardo Costa, *Universidade Federal da Bahia*  
Lia Calabre, *Fundação Casa de Rui Barbosa*  
Maria Helena Cunha, *DUO Informação e Cultura*  
Paulo Miguez, *Universidade Federal da Bahia*

#### NORMALIZAÇÃO, REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO:

Equipe EDUFBA

# Sumário

## DOSSIÊ – POLÍTICAS CULTURAIS E JUVENTUDES

### DOSSIÊ POLÍTICAS CULTURAIS E JUVENTUDES – APRESENTAÇÃO 7

*Adriana Facina e Daniela Matos – editoras*

### A DANÇA COMO EXPRESSÃO POLÍTICA DE RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA DE UMA CULTURA JUVENIL 16

*Isabelle Melo Rocha Lima, Maria Adelane Monteiro da Silva, Robson Emanuel Lima  
Constâncio*

### POLÍTICAS CULTURAIS E INSERÇÃO SOCIOPROFISSIONAL: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA E PROFISSIONALIZANTE COM JOVENS DE CLASSES POPULARES NA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA 35

*Ivan Faria, Mirela Figueiredo Iriart*

### O RAP E A EDUCAÇÃO: QUANDO APRENDER FAZ SENTIDO 58

*Flávio Eduardo Assis, Stephanie Reist*

### PENSANDO A DEMOCRACIA COM JOVENS DA BAIXADA FLUMINENSE: ALGUMAS RODAS DE IMAGENS E OUTRAS RODAS DE CONVERSA 79

*Nivea Andrade, João Guerreiro*

### JUVENTUDE, CULTURA E FAVELA: PROJETOS SOCIAIS ENTRE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE E “PACIFICAÇÃO” 101

*Patrícia Lânes Araujo de Souza*

### JUVENTUDES E APROPRIAÇÕES URBANAS EM UMA LEITURA POLISSÊMICA: REFLEXÕES ACERCA DA CATEGORIA “JUVENTUDES” A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO SOBRE LAN HOUSES EM FAVELAS CARIOCAS 123

*Ana Lucia Enne, Pâmella Passos*

**“POR QUE ESCRREVEMOS NA PAREDE?” UMA DISCUSSÃO SOBRE  
JUVENTUDE E PATRIMÔNIO CULTURAL NAS PROPOSTAS DE  
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O GRAFISMO URBANO EM BELO  
HORIZONTE, MINAS GERAIS 146**

*Joyce Louback*

**TRANSFORMAÇÃO POR MEIO DE NARRATIVAS JUVENIS NOS  
FRAGMENTOS DA “PRAIA DA ESTAÇÃO” 168**

*Milene Migliano*

**“É NÓS PROTAGONIZANDO NA TELA”: A EXPERIÊNCIA LOCAL DO  
COLETIVO DE COMUNICAÇÃO POPULAR TELA FIRME NA PERIFERIA  
DE BELÉM, PARÁ 190**

*Jetur Lima de Castro, Alessandra Nunes de Oliveira*

**ARTIGOS**

**LA CULTURA COMO PANACEA: PROBLEMATIZANDO LAS POLÍTICAS  
DE REGENERACIÓN URBANA A TRAVÉS DE LA CULTURA  
EN BUENOS AIRES 216**

*Cecilia Dinardi*

**CULTURA EM TEMPOS DE CRIVELLA: EXECUTIVO E BANCADA  
EVANGÉLICA DO LEGISLATIVO NA ÁREA DE CULTURA NO RIO DE  
JANEIRO EM 2017 247**

*Diego Santos Vieira de Jesus, Karla Gobo*

**BRIEF ANALYSIS ON THE HISTORY OF THE MUSEUM AND THE  
POSSIBLE NONWHITE MUSEUM 274**

*Com. Soc. Mestre Claudia Sandoval Romero M.A.*

**FORMULAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS MUSEUS  
NOS GOVERNOS DEMOCRÁTICOS POPULARES DO SÉCULO XXI:  
ARGENTINA – BRASIL – URUGUAI 298**

*Ana Ramos Rodrigues*

**DISPUTAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA POLÍTICA NACIONAL DE  
CULTURA: SOBRE EMOÇÕES E POLÍTICA 319**

*Lorena Abellar de Muniagurria*



# **Apresentação**

## DOSSIÊ POLÍTICAS CULTURAIS E JUVENTUDES – APRESENTAÇÃO

Em tempos de desmonte das políticas públicas de cultura, um segmento é particularmente atingido: as juventudes. Em especial as juventudes negras, periféricas que aprenderam a sonhar com o fazer artístico cultural como meio de vida, como trabalho significativo em oposição às ocupações subalternas que lhes são destinadas na sociedade de classes. “Meu maior sonho? Viver da minha arte!” Quantas vezes escutamos essa resposta em atividades de campo, durante pesquisas sobre produção cultural em favelas e outros territórios considerados periféricos nas dinâmicas urbanas? Sonho nascido do chão da sobrevivência, experiência comum a esses jovens que são o alvo cotidiano de uma política sistemática de extermínio físico e simbólico, na qual a cadeia, por vezes, é a alternativa à morte.

Esse sonho inspira ainda experimentos estéticos que desafiam os conceitos hegemônicos de arte e produção cultural, baseados na ideia da criação artística como algo feito por poucos para poucos, coisa

de quem está com a barriga cheia e a vida ganha. Na cultura de sobrevivência, ao contrário, fazer arte, produzir cultura, é arrancar beleza da aridez da vida, é criar expressividade em meio a precariedade de direitos, é flor nascendo do asfalto.

Condenar as verbas públicas da cultura à miséria é interromper uma promessa, ainda que modesta em termos estruturais. As políticas públicas de cultura nos 13 anos de governo do Partido dos Trabalhadores, a partir da Gestão Gil a frente do Ministério da Cultura, apontavam para uma democratização dessa área e semearam demandas. Grupos e agentes culturais que jamais foram tocados pelo braço cultural do Estado passaram a disputar editais, incrementar suas ações, ampliando seu alcance e desdobramentos. Por sua vez, inspiraram outros indivíduos e coletivos a se organizarem e a disputarem o que é seu de direito: o fomento estatal para a cultura.

Os artigos reunidos neste dossiê são testemunhos de uma época que agora entra em crise profunda. Ao valor analítico que trazem, soma-se um valor histórico, de registro de uma pluralidade de iniciativas realizadas por uma juventude no plural, melhor dizendo, juventudes. Eles nos apresentam

um panorama de reflexões e experiências que dialogam e põem em cena uma diversidade de contextos socio-históricos e experiências juvenis diversas que reelaboram o estar no mundo desses jovens a partir de novas formas de fazer política e empreender ações de resistência.

O dossiê apresenta um percurso territorial, ainda que parcial e limitado, que busca dialogar com os vários “Brasis” que coexistem na nossa experiência de nação. Os dois primeiros artigos apresentam ações desenvolvidas na região Nordeste, entre o Ceará e a Bahia. O artigo “A dança como expressão política de resistência e existência de uma cultura juvenil”, escrito por Isabelle Melo Rocha Lima, Maria Adelane Monteiro da Silva e Robson Emanuel Lima Constâncio, traz um debate muito interessante a partir da dança como possibilidade de resistência a padrões heteronormativos, elaborada por um grupo de jovens do bairro Recanto, município de Sobral, no Ceará. O trabalho revela as práticas de sociabilidade juvenil, com foco na arte/cultura, como espaço primordial de elaboração de estratégias de subjetivação e fortalecimentos dos sujeitos jovens. Compartilha um intenso trabalho de etnografia, com uso do diário

de campo, que muito nos aproxima enquanto leitores do fazer artístico e político da Cia. Marshall, de Sobral.

Ainda no Nordeste, temos a experiência apresentada por Ivan Faria e Mirela Figueiredo Iriart no artigo “Políticas Culturais e Inserção socioprofissional: reflexões sobre uma experiência formativa e profissionalizante com jovens de classes populares na cidade de Salvador-Ba”, a partir do qual somos convidados a refletir sobre a importância das atividades desenvolvidas pela Oi Kabum! – Escola de Arte e Tecnologia, em Salvador, e sua dimensão transformadora nas vidas de jovens, o que é feito a partir do diálogo dos autores com egressos da escola. As transformações evidentes, a partir de uma dimensão pedagógica que dialoga com as experiências e demandas das diversas juventudes, mostram novos caminhos que podem e devem inspirar políticas públicas na área de formação e profissionalização em cultura.

Da região sudeste, temos dois, ou melhor, três conjuntos de experiências: ações culturais-educativas realizadas na Baixada Fluminense, as práticas culturais-comunicacionais de jovens moradores de

favelas cariocas, e as ações de apropriação do espaço urbano na capital mineira, Belo Horizonte.

Em “O rap e a educação: quando aprender faz sentido”, Dudu de Morro Agudo e Stephanie Reist refletem sobre a experiência do RapLab, iniciativa que traz o rap para a escola, apostando na potência de sua linguagem artística para ressignificar o espaço e as práticas escolares. O artigo de Dudu e Stephanie é também testemunho de uma outra universidade, construída por aqueles que antes eram “objetos” de pesquisa e que agora se tornam sujeitos de seus próprios trabalhos acadêmicos. Na mesma escola em Morro Agudo, bairro de Nova Iguaçu, Nívea Andrade e João Guerreiro, com o artigo “Pensando a democracia com jovens da Baixada Fluminense: algumas rodas de imagens e outras rodas de conversa”, etnografam uma experiência de diálogo com os jovens estudantes por meio de rodas de conversa, na qual a democracia era o tema. O recurso à fotografia torna mais expressivo e crítico o discurso dos adolescentes sobre suas visões acerca de democracia e do desafio colocado pelo necessário convívio com a diferença. A partir das favelas do Rio de Janeiro, em pesquisas realizadas com a participação de jovens favelados,

os artigos “Juventude, Cultura e Favela: projetos sociais entre políticas públicas de juventude e *pacificação*” e “Juventudes e apropriações urbanas em uma leitura polissêmica: reflexões acerca da categoria *Juventudes* a partir de um estudo de caso sobre lan houses em favelas cariocas” trazem uma visão alargada e crítica da categoria juventudes, produzida a partir das narrativas de seus interlocutores de campo. Parte da cidade, esses jovens exercem sua cidadania demandando políticas públicas de cultura e comunicação, realizando de modo criativo, arrancado à precariedade, sua inserção da contemporaneidade digital. Seus trânsitos pela cidade desestabilizam simbolicamente mapas baseados em estigmas violentos, escancarando desigualdades históricas. As autoras Patrícia Lânes, Pâmella Passos e Ana Lucia Enne não pretendem dar voz a essas juventudes, mas certamente amplificam-nas em suas pesquisas dialógicas, metodologicamente apoiadas na arte da escuta.

Ainda a partir da região Sudeste, a capital mineira aparece como espaço de disputa e reapropriação do espaço urbano. No artigo “Porque escrevemos na parede? Uma discussão sobre juventude e patrimônio

cultural nas propostas de políticas públicas para o grafismo urbano em Belo Horizonte – MG”, Joyce Louback evidencia as controvérsias em torno das práticas do grafismo urbano e as propostas apresentadas por grafiteiros e pichadores em prol do reconhecimento da dimensão cultural e artística das suas intervenções, de modo a evitar uma ação criminalizadora por parte do Estado, o que tem sido uma prática comum em todo o Brasil e, especialmente, em Belo Horizonte na última década. Outra dimensão de ocupação do espaço urbano como tática de luta e ação política está expressa no artigo de Milene Migliano intitulado “Transformação política por meio de narrativas juvenis nos fragmentos da *Praia da Estação*”. Esse trabalho nos apresenta um mapa narrativo construído a partir da atuação no espaço urbano e nas redes digitais que explicitam lutas coletivas em prol do direito à cidade e em franca oposição às opressões simbólicas e material que tentar controlar as vivências dos sujeitos nos territórios. Por fim, como encerramento do dossiê, temos o artigo “É nós protagonizando na tela: a experiência local do coletivo de comunicação popular Tela Firme na periferia de Belém-PA”. O artigo escrito por Jetur

Lima de Castro e Alessandra Nunes de Oliveira, sobre a atuação do coletivo Tela Firme, nos traz uma experiência da região Norte do Brasil. Atuante no bairro Terra Firme, periferia de Belém, o coletivo ressignifica as experiências de jovens de um território visto como violento a partir da produção audiovisual. Uma Juventude urbana amazônica que divide sonhos com outras juventudes de outros territórios, enxergando na arte e na produção cultural maneiras criativas de resistir e insistir, narrando e protagonizando suas próprias histórias.

Parafraseando Gonzaguinha e seus sábios versos para tempos difíceis, botamos fé é na fé da moçada. Vamos no bloco dessa mocidade que não tá na saudade e constrói a manhã desejada  
Boa leitura!

*Adriana Facina e Daniela Matos - editoras*